**Evento**: XXX Jornada de Pesquisa

# O CURRÍCULO ESCOLAR E A CONCEPÇÃO DE REPRODUÇÃO DE BOURDIEU E PASSERON[1]

**Carla Maria Leidemer Bruxel[2], Diovana Machado da Silva[3], Vidica Bianchi[4], Ivo dos Santos Canabarro[5]**

[1] Trabalho desenvolvido na disciplina de Alternativas Curriculares Emancipatórias nas Diferentes Áreas de Saberes: Reflexões Epistemológicas do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

[2] Doutoranda em Educação nas Ciências pela Unijuí. Bolsista Capes. Professora Substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, Campus Santo Augusto, RS.
[3] Doutoranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí. Bolsista PROSUC/CAPES. E-mail: diovana.silva@sou.unijui.edu.br
[4] Doutora em Ecologia (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.
[4] Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.

## INTRODUÇÃO

Refletir sobre a educação e seu papel na sociedade é fundamental quando se pensa em currículos emancipadores e isso perpassa a formação de professores. Sabe-se que currículos tradicionais podem contribuir com a reprodução da desigualdade na sociedade. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron discutem estas questões no ano de 1970, no livro "A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino" que foi traduzida na língua portuguesa em 1975. Nesta obra, os autores abordam conceitos como habitus, capital cultural e violência simbólica no intuito de melhor compreender a realidade escolar.

Bourdieu e Passeron (2016) consideram o sistema educacional como um sistema de comunicação, onde valores culturais são transmitidos. O capital cultural ganha sentido pela relação entre o arbitrário cultural familiar e o imposto pela escola. Segundo os autores, toda ação pedagógica impõe um arbitrário cultural legitimado pelo grupo dominante. O professor, ao transmitir a cultura escolar, exerce autoridade institucional. Esse processo não apenas reforça hierarquias sociais, mas legitima desigualdades. Assim, a escola atua como instrumento de dominação simbólica, contribuindo para a reprodução cultural e social.

Entende-se que a obra "A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino" de Bourdieu e Passeron (2016) contribui para o debate do ODS 4 que é a Educação de

Qualidade. Ao revelar-SE como o sistema educacional pode perpetuar desigualdades sociais por meio da transmissão desigual do capital cultural e da violência simbólica, desafia-se a repensar as práticas pedagógicas. Diante disso, o objetivo deste trabalho consiste em refletir sobre os conceitos de habitus, campo, violência simbólica e capital cultural, formulados por Bourdieu e Passeron (2016), e suas implicações para a manutenção das desigualdades educacionais e a reprodução social.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada numa análise reflexiva a partir da obra "A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino" de Bourdieu e Passeron (2016). Assim, as discussões se relacionam à área da educação e são tecidas principalmente a partir da obra mencionada e outros estudos relacionados à temática.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No livro "A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino" Bourdieu e Passeron (2016), apresentam conceitos fundamentais para a compreensão da realidade escolar e das relações de poder que nela se estabelecem. Entre esses conceitos estão o habitus, o campo, a violência simbólica e os capitais cultural, econômico, social e simbólico. Compreender conceitos e analisar como eles se manifestam no contexto escolar é essencial para pensar a elaboração de currículos e práticas pedagógicas emancipadoras, e não meramente reprodutoras das ações impostas pela sociedade.

Conforme Bourdieu (2009), o habitus representa o conceito moldado durante a primeira socialização do agente, geralmente no ambiente familiar, e mantém ligação direta com o pertencimento a uma classe social. O habitus, ou estruturas incorporadas, consiste em esquemas de percepção, pensamento, prática e ação, internalizados pelos agentes. Surge das interações sociais e se manifesta em práticas, gostos, opiniões e capitais característicos de um grupo. Para Bourdieu (2009), o habitus corresponde a um conjunto de valores, costumes e esquemas de pensamento que o indivíduo incorpora que lhe permitem perceber e interpretar o mundo social, ao mesmo tempo que orienta e regula suas práticas sociais.

Uma perspectiva crítica de como este habitus é incorporado e reproduzido permite compreender que a educação deve ir além da transmissão de conteúdos, no entanto

> [...] a educação, a partir de práticas institucionalizadas, poderia ser considerada um instrumento fundamental da continuidade histórica. Responsável pelo processo por meio do qual se opera a reprodução do arbitrário cultural pela mediação da produção do habitus e produtor de práticas em conformidade com o arbitrário cultural, o sistema educacional equivaleria, em nível cultural, ao que acontece na transmissão do capital genético em nível biológico (Knoblauch; Medeiros, 2022, p. 4).

A formação de professores pode contribuir para o desenvolvimento da educação a partir de uma perspectiva transformadora das estruturas sociais existentes. Segundo Bourdieu e Passeron (2016), o campo configura-se como um espaço social relativamente autônomo, no qual ocorrem disputas por diferentes formas de poder e prestígio. Essas disputas se estruturam com base na distribuição desigual de um capital específico, o chamado quantum social, que determina a posição ocupada pelos agentes dentro do campo. Nesse sentido, a escola pode ser compreendida como um campo, pois reúne instituições e agentes que disputam posições a partir do domínio de capitais distintos, como o capital cultural e o capital simbólico.

Por exemplo, dentro de uma escola, professores, coordenadores, diretores e estudantes ocupam posições distintas. Um professor com mestrado ou doutorado tem um bom reconhecimento acadêmico e pode exercer maior influência nas decisões pedagógicas do que outros com menos qualificações acadêmicas. Do mesmo modo, estudantes cujas famílias possuem maior capital cultural tendem a se adaptar com mais facilidade às normas escolares e isso pode levar a reforçar desigualdades que já existem fora do contexto escolar.

Bourdieu e Passeron (2016), também exploram o conceito de violência simbólica, que se refere a uma forma sutil e invisível de dominação, na qual visões de mundo e valores da cultura dominante são impostos como legítimos, sem que essa imposição seja percebida. No contexto escolar, isso se expressa na ação pedagógica, que pode naturalizar desigualdades ao exigir que os estudantes se ajustem aos padrões culturais estabelecidos e, dessa forma, disfarçam relações de poder sob uma aparência de neutralidade. Essa dominação ocorre com a cumplicidade inconsciente dos próprios dominados, que a aceitam como algo natural.

Os estudantes também são possuidores de capitais. Bourdieu (2009) defende que cada indivíduo pode estar provido de alguns capitais, sendo que ele divide os capitais em quatro tipos: o capital econômico, que compreende a riqueza material; o capital social, que é a rede de relações mobilizadas pelo agente (indicação de emprego, de negócios); capital simbólico que envolve o reconhecimento social, incluindo prestígio, honra e reconhecimento do agente; e ainda o capital cultural que está relacionado com as qualificações intelectuais.

O capital cultural compreende conhecimento, habilidades, informações e um conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família e instituições escolares, manifestando-se de três formas que são o estado incorporado, que é a disposição durável do corpo (exemplo: forma de se apresentar em público); estado objetivado, que já é materializado, como a posse de bens culturais (exemplo: posse de obras de arte, instrumentos musicais, computadores); o estado institucionalizado, que é sancionado pelas instituições, como títulos, diplomas e certificados acadêmicos.

A compreensão dos diferentes tipos de capital propostos por Bourdieu é essencial para pensar políticas educacionais alinhadas ao ODS 4, Educação de Qualidade. O reconhecimento de que o acesso ao capital cultural, social e simbólico é desigual entre os estudantes aponta para a necessidade de práticas pedagógicas e currículos que promovam equidade. Entende-se que valorizar as diversas formas de saber e garantir oportunidades reais de aprendizagem contribui para uma educação mais justa, que não apenas transmite conteúdos, mas amplia o acesso ao conhecimento e contribui com a transformação social.

Quando se tem uma visão reduzida de currículo e é este é visto como uma sequência básica de conteúdos, divididos no tempo e no espaço, e que os estudantes precisam aprender nessa ordem se contribui com a reprodução. Contudo, para transformar essa concepção e as práticas desenvolvidas é imperativo que se façam alguns questionamentos tais como: quem estabelece os conhecimentos que devem ser trabalhados? Que critérios foram utilizados nas escolhas dos objetos de conhecimento? Por que determinados tipos de conhecimento foram deixados de lado? Como se deve definir a escolha dos conhecimentos a serem trabalhados?

Estas questões devem ser consideradas na prática pedagógica e na organização dos currículos escolares quando se quer contribuir com a formação integral dos estudantes. Reproduzir a desigualdade não é o papel da escola, cabe, portanto, aos educadores promover essa transformação radical da escola, com vistas à emancipação e não à reprodução.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura da obra de Bourdieu e Passeron (2016), defende-se que a formação inicial e continuada de professores é fundamental quando se busca romper com práticas pedagógicas e currículos excludentes. Educadores críticos compreendem a importância de refletir sobre o que ensinam, como ensinam e por que ensinam. Essa consciência pode

transformar práticas pedagógicas e desafiar estruturas que perpetuam desigualdades e assim, a escola deixa de apenas transmitir conteúdos e passa a formar cidadãos conscientes.

Ressalta-se que a escola pode ser um espaço de reprodução das desigualdades, já que os habitus dos alunos, formados por suas origens sociais, nem sempre dialogam com o campo escolar. Assim, o currículo pode atuar como instrumento de violência simbólica, legitimar saberes dominantes e invisibilizar os saberes das classes populares. Por outro lado, a escola tem o potencial de ser um espaço de transformação. Quando reconhece as diversidades culturais dos alunos, flexibiliza o currículo e promove práticas pedagógicas inclusivas, ela desafia os mecanismos de reprodução e amplia o acesso ao capital cultural.

Nesse contexto, o papel do professor como agente reflexivo e crítico se torna fundamental para ressignificar o campo educacional e romper com as barreiras simbólicas que perpetuam desigualdades. Dessa forma, refletir sobre a construção do currículo escolar é essencial, pois ele não é simplesmente um documento com conteúdos a serem seguidos. O currículo pode se constituir como um recurso de poder que determina os saberes valorizados e, ao ser criticamente reconstruído de forma inclusiva, potencializa a educação como agente de transformação social.

**Palavras-chave**: Habitus. Campo. Violência Simbólica. Capital Cultural. Currículo.

## AGRADECIMENTOS

À Capes pela Bolsa e Taxa concedidas que possibilitam cursar o Doutorado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. Ed., Petrópolis, RJ, Vozes: 2016.

KNOBLAUCH, Adriane; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. A atualidade de A reprodução de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron: 50 anos de um legado acadêmico e político. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 48, e245469, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/K57695MmgmZgsL8fXw5wPJd/. Acesso em: 28 jun. 2025.